






RESENHA CRÍTICA DO LIVRO: TREINAR MÁQUINAS E FORMAR GENTE: DESAFIOS DO EDUCAR NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Chris Alves da Silva¹  Valdoir Pedro Wathier²  Geraldo Caliman³ 

RESUMO: Esta resenha crítica analisa a obra "Treinar Máquinas e Formar Gente: Desafios do Educar na era da Inteligência Artificial", apresentando-a como leitura estratégica para o debate contemporâneo em Educação. O livro, elaborado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, aborda os desafios de uma formação em tempos de inovações tecnológicas aceleradas, como a Inteligência Artificial (IA). Os temas tratados no livro abordam questões que partem do surgimento da Inteligência Artificial e da formação humana, sob o olhar de teóricos da filosofia, percorrem os processos de participação democrática em um meio tecnocrático e exploram os desafios, possibilidades e limites da IA nos contextos educativos. Conclui-se que o livro não representa apenas um alerta sobre os impactos da IA, mas também um convite à ação pedagógica crítica, essencial para que a Educação reafirme seu compromisso com a autonomia e a reflexão, em oposição à mera obediência algorítmica.

PALAVRAS-CHAVE: Inteligência Artificial; Formação Humana; Educação Crítica; Tecnologia e Sociedade

¹ Universidade Católica de Brasília - Brasília, DR - Brasil. E-mail: ead.chris@gmail.com

² Universidade Católica de Brasília - Brasília, DR - Brasil. E-mail: valdoir.wathier@p.ucb.br

³ Universidade Católica de Brasília - Brasília, DR - Brasil. E-mail: caliman@p.ucb.br

CRITICAL REVIEW OF THE BOOK: TRAINING MACHINES AND SHAPING PEOPLE: CHALLENGES OF EDUCATING IN THE AGE OF ARTIFICIAL INTELLIGENCE

ABSTRACT

This critical review analyzes the book "Training Machines and Shaping People: Challenges of Educating in the Age of Artificial Intelligence," presenting it as strategic reading for the contemporary debate in Education. The book, authored by Brazilian and foreign researchers, addresses the challenges of human development and education in a time of accelerated technological innovations, such as Artificial Intelligence (AI). The topics covered in the book address issues starting from the emergence of Artificial Intelligence and human formation, through the lens of philosophical theorists, traverse the processes of democratic participation in a technocratic environment, and explore the challenges, possibilities, and limits of AI in educational contexts. The conclusion is the book is not merely a warning about the impacts of AI, but an invitation to critical pedagogical action, which is essential for Education to reaffirm its commitment to autonomy and reflection, in opposition to mere algorithmic obedience.

KEYWORDS: Artificial Intelligence; Human Formation; Critical Education; Technology and Society

RESEÑA CRÍTICA DEL LIBRO: ENTRENAR MÁQUINAS Y FORMAR GENTE: DESAFÍOS DE EDUCAR EN LA ERA DE LA INTELIGENCIA ARTIFICIAL

RESUMEN

Esta reseña crítica analiza la obra "Entrenar Máquinas y Formar Gente: Desafíos de Educar en la Era de la Inteligencia Artificial", presentándola como una lectura estratégica para el debate contemporáneo en Educación. El libro, elaborado por investigadores brasileños y extranjeros, aborda los desafíos de la formación en tiempos de innovaciones tecnológicas aceleradas, como la Inteligencia Artificial (IA). Los temas tratados en el libro abordan cuestiones que parten del surgimiento de la Inteligencia Artificial y de la formación humana, bajo la mirada de teóricos de la filosofía, recorren los procesos de participación democrática en un medio tecnocrático y exploran los desafíos, posibilidades y límites de la IA en los contextos educativos. Se concluye que el libro no representa solo una advertencia sobre los impactos de la IA, sino una invitación a la acción pedagógica crítica, esencial para que la Educación reafirme su compromiso con la autonomía y la reflexión, en oposición a la mera obediencia algorítmica.

PALAVRAS-CLAVE: Inteligencia Artificial; Formación Humana; Educación Crítica; Tecnología y Sociedad

MALACHIAS, Maria Elena Infante; CUNHA, Fanley Bertoti da; SOUSA, Jennifer Caroline de. **Treinar Máquinas e formar gente: desafios do educar na era da inteligência artificial** (org.). São Paulo: LF Editorial, 2024. 197 p.

1 INTRODUÇÃO: O CUIDADO COM A FORMAÇÃO EM TEMPOS DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL (IA)

Com a Inteligência Artificial (IA) em evidência e integrada de forma gradativa às rotinas das pessoas, seja por meio de aplicativos, sites, redes sociais ou aparelhos celulares conectados, torna-se necessário dialogar e compreender o impacto real da IA nos âmbitos sociais e educacionais. Esse cenário convida à reflexão sobre a importância de desenvolver uma compreensão crítica, bem como sobre os limites, as potencialidades e as implicações éticas do uso da Inteligência Artificial na educação.

Nesse contexto, a presença da IA na educação suscita questionamentos por parte de toda a comunidade escolar. Surgem debates relacionados ao uso adequado, à personalização do ensino, à equidade de acesso, à proteção de dados e à definição dos papéis diante da utilização da IA. É fundamental construir espaços e pontes para o diálogo, considerando os valores, os direitos fundamentais e os objetivos pedagógicos que orientam o uso consciente e efetivo da Inteligência Artificial.

A obra “Treinar Máquinas e Formar Gente: Desafios do Educar na Era da Inteligência Artificial”, organizada por Maria Elena Infante Malachias, Fanley Bertoti da Cunha e Jennifer Caroline de Sousa, reúne pesquisadores e professores brasileiros e estrangeiros, atuantes em diferentes níveis educacionais, que apresentam perspectivas sobre os desafios da formação das novas gerações diante dos avanços acelerados das tecnologias. Cada capítulo convida o leitor a contemplar questões que envolvem o surgimento da Inteligência Artificial, a formação humana a partir das ideias de filósofos, os processos democráticos e o acesso à sociedade orientada pelo ideário tecnocrático, os desafios de cuidar e educar crianças na era digital sob a perspectiva da maternidade, as implicações éticas da Inteligência Artificial, bem como suas possibilidades e limites no Ensino Superior. O livro também apresenta questões elaboradas pelos autores dos capítulos e respondidas por uma IA. A obra abre possibilidades de diálogo e escuta, permitindo ao leitor refletir, de forma prática, sobre a atualidade educacional, a formação humana e o exercício do existir em sociedade.

2 A LÓGICA DO LIVRO: TREINAR A MÁQUINA E FORMAR AS PESSOAS

A obra apresenta uma organização que convida o leitor ao diálogo desde a apresentação e o prefácio, e se desenvolve em nove capítulos, cada um com temas e identidades únicos, articulados entre si. Essa estrutura permite observar o tema sob diferentes pontos de vista. Os organizadores incluem ainda um posfácio inovador, intitulado “A IA pela IA”, no qual cada autor dos capítulos formula perguntas direcionadas a uma Inteligência Artificial específica, cujas respostas oferecem reflexões ainda mais instigantes.

O capítulo 1, intitulado “O Alvorecer da Inteligência Artificial: movimentos da Cibernética no século XX”, foi escrito por Jennifer Caroline de Sousa. Nele, a autora afirma que o movimento cibernético do século XX já estabelecia a relação tensa entre homem e máquina, que serve de ponto de partida para a análise da Inteligência Artificial generativa no presente e no futuro. Sousa questiona a premissa de que a IA superará a mente e a linguagem humanas, argumentando que grande parte das expectativas atuais são deslocadas e desafiam o leitor a reavaliar o que se espera dessas tecnologias. Ela demonstra que a ideologia tecnocrática molda costumes e tendências e alerta que a observação crítica é imprescindível para compreender os impactos da IA em nosso tempo. Seu principal argumento reforça que o ser humano não pode ser reduzido a um simples objeto da técnica, sendo fundamental que o uso da IA esteja alinhado a uma ética institucional.

O Capítulo 2, “Os Fundamentos do Humano e a Inteligência Artificial: algumas provocações a partir da Biologia e da Filosofia”, escrito por Maria Elena Infante Malachias, argumenta que o papel dos adultos é mediar ativamente a inserção dos mais jovens no mundo contemporâneo, e defende que a inclusão tecnológica deve ser pautada pela responsabilidade. Para sustentar esta tese, Malachias explica o pensamento de Hannah Arendt, reforçando que a formação das novas gerações requer a humanização do mundo e a adoção do desafio ético diante da presença da Inteligência Artificial. A autora conclui que a urgência de considerar os valores humanos na educação é vital para impedir que a tecnologia se sobreponha à dimensão ética e relacional do processo formativo.

Essa preocupação com a centralidade do humano na educação dialoga diretamente com o Capítulo 3, “Sonhar novas relações humano-máquina para exercer novas relações na formação humana”, escrito por Luis Carlos Mendonça de Queiroz. O autor analisa o medo dos docentes diante da Inteligência Artificial e da possível substituição, afirmando que esse receio reflete a incerteza frente ao novo e às múltiplas camadas das relações humanas que a tecnologia ameaça simplificar. Queiroz sustenta que a rendição à tecnologia gera o risco iminente da alienação técnica e da concepção da educação como mero treinamento, defendendo que a formação deve priorizar a integralidade do ser humano. Essa perspectiva permite ao autor propor o sonho de uma nova educação, fundamentada em uma relação mais

consciente entre humanos e máquinas, visto que a própria existência humana é complexa e comporta diferentes modos de ser. O autor conclui que o enfrentamento desses medos é essencial e que o diálogo deve ser o elemento central na relação entre educador e educando.

O Capítulo 4, “Democracia, Educação e Tecnologia”, escrito por Fanley Bertoti da Cunha, analisa os impactos da tecnologia e da Inteligência Artificial na atualidade, argumentando que os conceitos de democracia, educação e tecnologia são indissociáveis e se influenciam mutuamente no cotidiano. Cunha propõe a construção de um mundo conectado, mas efetivamente democrático, em que os saberes de estudantes e professores sejam valorizados como premissa para o desenvolvimento tecnológico. A autora argumenta que a tecnologia não é neutra, mas sim resultado e agente transformador da dinâmica social, sendo influenciada pelas relações humanas. Por fim, conclui que, por não ser neutra, a Inteligência Artificial exerce um papel ativo na moldagem de práticas, interações e das próprias formas de aprender e ensinar no cotidiano educacional.

No Capítulo 5, “Educação e Tecnologia: um caminho para emancipação ou mercantilização?”, escrito por Fernando Puertas, o autor inicia o texto estabelecendo a relação histórica entre educação e tecnologia. Ele toma como referência Paulo Freire (1996) para defender a educação como um meio de libertação e um espaço de confrontação com o desconhecido. Puertas analisa as tensões e possibilidades dessa relação, e sustenta que o progresso tecnológico impulsionado pelo neoliberalismo contraria os princípios de equidade e cidadania, ideais defendidos por pensadores como Darcy Ribeiro e Maturana. Diante desse conflito, o autor questiona o propósito da tecnologia e analisa a Inteligência Artificial, concluindo que ela é uma ferramenta promissora, mas cercada de contradições estruturais. O capítulo critica o uso da personalização da aprendizagem quando esta não é equilibrada com a interação humana, pois tende a se adequar aos moldes neoliberais (individualização e foco em métricas). Puertas conclui que é imprescindível formar indivíduos com pensamento crítico e visão coletiva da sociedade, o que exige questionar o que é a tecnologia, como ela é adotada e qual é sua real finalidade.

O Capítulo 6, “Criando indivíduos na era das tecnologias, mídias digitais e redes sociais”, escrito por Fernanda Santiago Zacharias Buys e Juliana Bertolazzi Fernandes, analisa questões sensíveis da infância a partir da perspectiva única de mães pesquisadoras, o que legitima o entrelaçamento entre a experiência pessoal e o rigor acadêmico. As autoras defendem a tese de que um cuidador presente e atento é imprescindível na primeira infância, e argumentam que o cuidado com as crianças não pode ser individualizado, devendo ser assumido como responsabilidade coletiva. O texto diagnostica a exaustão de mães e pais sem rede de apoio, associando-a diretamente à pressão da presença constante das mídias digitais. Elas analisam os conflitos que a tecnologia impõe à primeira infância, evidenciam as transformações nas experiências vividas durante e após a pandemia de COVID-19. Por fim, as

autoras concluem que a experiência de seus próprios filhos fornece subsídios para compreender o uso das tecnologias na segunda infância e adolescência e reforça a necessidade de um diálogo aberto sobre a IA.

O Capítulo 7, “IA na Educação: não é fim, mais do que um meio, uma transformação”, escrito por Bruno Henrique da Silva Rosa, afirma que o caminho para a integração da Inteligência Artificial passa pela sua aproximação responsável e ética junto aos docentes, defendendo uma educação contínua sobre o tema. O autor argumenta que é importante desmistificar e compreender os conceitos de 'inteligência' aplicados à IA, e reforça que a verdadeira socialização é um produto exclusivo da interação humana. Rosa desenvolve uma tese sobre a ética no uso da IA, que sustenta a necessidade de que os docentes atuem para que o estudante não a utilize como atalho para a resolução de problemas, mas sim como apoio efetivo ao aprendizado. Por fim, o autor conclui que o debate sobre os limites da IA é urgente, e defende que a educação deve assumir um papel transformador e ativo, tornando-se a diferença neste novo cenário tecnológico

No Capítulo 8, “Inteligência Artificial no contexto da resolução de exercício de Física”, o autor Juliano Carvalho Bento aborda a problemática da Inteligência Artificial, sustentando que a utilização da ferramenta por estudantes para a resolução de atividades de Física se dá, majoritariamente, sem a criticidade fundamental ao processo de aprendizagem. O pesquisador descreve em detalhes uma ação prática conduzida no Ensino Básico, dentro e fora da sala de aula, com o propósito de mensurar a real eficácia da IA e as suas implicações. A partir dessa experimentação, Bento conclui que a prática comum dos estudantes de buscar respostas prontas não é eficaz, aponta os vieses e as falhas inerentes às respostas geradas pela IA e defende a necessidade prioritária de desenvolver uma formação docente e discente focada no uso ético e equitativo da Inteligência Artificial.

E, por fim, o Capítulo 9, “Ética e responsabilidade na aplicação da IA no ensino superior: um desafio para a comunidade acadêmica”, escrito por Ada Freitas-Cortina e Joaquin Paredes-Labra, aborda a questão central da ética e responsabilidade na aplicação da IA no ensino superior, argumentando que o tema configura um desafio imediato para toda a comunidade acadêmica. Os autores defendem que a aplicação da IA em todas as esferas institucionais exige a implementação urgente de orientações eficazes para a comunidade acadêmica, com ênfase no rigor da pesquisa e na proteção de dados. O texto contribui de forma significativa ao fornecer definições conceituais robustas e um levantamento criterioso das práticas de uso da IA em instituições de ensino superior ao redor do mundo. Os autores concluem que a discussão é imperativa, e posicionam o capítulo como uma contribuição fundamental para o debate sobre o futuro da academia.

3 FORMAR GENTE EM TEMPOS DE IA: UM OLHAR CRÍTICO SOBRE OS RUMOS DA EDUCAÇÃO

A obra revela a importância de pensar a formação humana para além da simples adaptação à Inteligência Artificial e às tecnologias que surgem ao longo dos tempos. Os autores abordam as implicações éticas e as ações formativas, fundamentando cada capítulo com consistência e revelando um compromisso genuíno com o ato de educar.

A Inteligência Artificial (IA) se integra cada vez mais à sociedade, gerando debates em diversas esferas. No campo educacional, é fundamental refletir sobre suas aplicações reais e pedagógicas, posicionando a Educação como mediadora de seu uso. O livro apresenta pontes inspiradoras para aqueles que utilizam a IA, visto que novas tecnologias com IA serão lançadas constantemente. Diante disso, a questão central que a obra se propõe a responder é: como o campo da Educação deve atuar para formar sujeitos que acompanhem a rapidez dessas tecnologias e da Inteligência Artificial de forma crítica, ética e com qualidade?

Para compreender as nuances da IA, é preciso transformar a rapidez da inovação em um convite à pausa reflexiva e à formação. Essa formação deve considerar o fator humano em torno da ética, da democracia e da essência do ser, tornando o indivíduo protagonista, e não refém, da IA. Tendo em vista que formar sujeitos críticos é mais urgente do que apenas ajustar-se às ferramentas digitais, a obra é essencial e leitura estratégica para toda a comunidade acadêmica e educacional, pois cumpre seu papel de não oferecer respostas prontas, mas de capacitar o leitor a formular as perguntas certas diante dos desafios da Inteligência Artificial.

REFERÊNCIAS

MALACHIAS, Maria Elena Infante; CUNHA, Fanley Bertoti da; SOUSA, Jennifer Caroline de. **Treinar máquinas e formar gente: desafios do educar na era da inteligência artificial**. São Paulo: LF Editorial, 2024. 197 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Revisão gramatical realizada por: Andréa Pereira Mataruna

E-mail: amataruna@gmail.com